

“1822 - Uma Conquista dos Brasileiros” e as personagens nordestinas na luta para independência do Brasil¹

João Pedro TÍNEL²

Andréa Cristiana SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este estudo analisa a série de reportagens especiais “1822 - Uma Conquista dos Brasileiros”, exibida no Fantástico entre 14 de agosto e 4 de setembro de 2022. O estudo aborda os usos memoráveis do acontecimento histórico para trazer um embate entre a memória nacional e os personagens nordestinos esquecidos na história do país. Foi realizada uma pesquisa qualitativa de natureza documental que utiliza a análise crítica do discurso de Van Dijk (2005). Comprova-se que o discurso da mídia evocou memórias subterrâneas e de resistências, enfatizando a presença dos povos originários (negros e indígenas), porém, ainda trouxe um olhar apaziguador em seu enredo.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Bicentenário; Memória; Análise do discurso; Nordeste;

INTRODUÇÃO

A exploração e extermínio dos povos originários e negros tornaram-se preceitos para a exclusão de suas identidades e possibilitou a distinção de sociedades e humanidades (SOUZA, 2015). Esse conceito ultrapassado foi fundamental para a glorificação de personagens brancos e europeus na história brasileira, apagando de forma sistemática a lembrança, os feitos e os combates por liberdade dos povos originários, à época, reconhecidos como inferiores, construindo um ideal de uma história nacional apaziguadora e cordial. No entanto, a história brasileira percorreu quase toda a sua trajetória a partir de embates entre colonizadores europeus, os indígenas e os negros escravizados, cujos processos históricos também tiveram conflito nas perspectivas de classe, raça e gênero, inclusive na independência do país.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Televisão e Televisualidades, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email: jpntandrade@gmail.com

³ Professora do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB. Email: andcristianasantos@gmail.com.

Para Arlette Farge (2009), o conflito é um “lugar de nascimento”, no qual o historiador deve relatá-lo e tomá-lo como partida de sua reflexão. Em importantes transformações socioculturais, os produtos midiáticos, de qualquer modo ou tecnologia, documentam e se envolvem entre as movimentações, tornando-se constituintes da sociedade e cultura (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2020). Apesar disso, a mídia hegemônica, normalmente, enfraquece a nossa relação com o passado e a nossa consciência histórica (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2020), criando uma memória baseada em fatos escolhidos por elites para compor aspectos da identidade, por vezes silenciando dinâmicas sociais e personagens singulares. Esse processo produz esquecimentos a respeito das disputas simbólicas entre memória nacional e subterrâneas (POLLAK, 1989).

A comemoração de eventos celebrativos pode ser reconhecida como “feridas coletivas” (SILVA, 2002), vinculadas às crises identitárias dos povos oprimidos. As midiatisações das comemorações são “caracterizadas tanto pelas glórias como pelas humilhações” (SILVA, p.431, 2002). Por vezes, esses momentos traumáticos criam um “sintoma de patologias coletivas e individuais da memória e que se traduzem não pelo esquecimento, mas pelo silêncio” (SILVA, p.430, 2002) e também pelo silenciamento.

A partir do discurso das fontes presentes no discurso telejornalístico da série “1822 - Uma Conquista dos Brasileiros”, este estudo analisa os usos memoráveis do acontecimento histórico para trazer um embate entre a memória nacional e os personagens nordestinos esquecidos na história. A finalidade é entender os processos sociais que transcorreram no contexto da independência brasileira, evocando os atos de resistência que são parte das culturas minoritárias e dominadas que se opõem à “memória nacional” (POLLAK, 1989, p. 4).

Para tanto, a problemática de pesquisa é verificar o embate entre a memória oficial e as memórias subterrâneas, que eclodem a partir do acionamento de fontes especializadas que rompem com o silenciamento a respeito da participação dos nordestinos no processo de emancipação brasileira.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a de pesquisa qualitativa a partir da análise de quatro episódios da série de reportagens especiais exibida entre 14 de agosto e 4 de setembro de 2022, no *Fantástico* (Rede Globo), sendo que o corpus analítico ficou restrito a dois

especificamente, os quais abordam a participação sertaneja para a independência. Também foi usada a análise crítica do discurso de Teun A. Van Dijk (2005) para entender a enunciação a partir de categorias como se evidenciam as práticas de “abuso do poder social, a dominância e a desigualdade [...] pelo texto e pela fala, no contexto social e político” (VAN DIJK, 2005, p. 19). Para o autor, o discurso é uma noção polissêmica e difusa que constitui um campo de conhecimentos transdisciplinares (COUTO; CARRIEIRI, 2018 apud VAN DIJK, 2000; 2001).

Diante disso, a análise compreendeu o uso do poder social e do jornalismo para evidenciar a necessidade de ressaltar a participação dos personagens nordestinos na conquista pela independência do país. Com apresentação, produção e pesquisa da jornalista Mônica Sanches, a reportagem traz pesquisadoras, pesquisadores e comunidade como fontes.

UMA CONQUISTA DOS BRASILEIROS

Antes de iniciar a análise do discurso telejornalístico, destaca-se a vinheta da série com personagens oficiais e testemunhos da história no tempo presente. Ela se inicia com uma melodia que nos faz imaginar uma ancestralidade e um saber. Parecem ser toques, instrumentos e ritmos com características de rituais dos povos originários. Na primeira imagem da vinheta, aparece Dom Pedro I em quadros sociais históricos da independência brasileira.

Após isso, aparecem as imagens em sobreposição que representam o povo brasileiro: indígena idosa, menina negra, branco, indígena idoso, homem negro, duas mulheres negras. Todos são posicionados atrás do número 1822 - nome da série - enquanto atrás dele, quase escondido, surgem as imagens oficiais a respeito da emancipação. Esse recurso da sobreposição evidencia que um novo discurso sobre a independência está em construção: não há como deixar no interdito a resistência do povo brasileiro.

No primeiro episódio da série são apresentadas as celebrações de 25 de junho na cidade de Cachoeira (BA), com ênfase a Joana Angélica e Urânia Vanério. À época, aos 60 anos, a freira foi assassinada ao impedir a passagem das tropas da coroa portuguesa que invadiram o Forte de São Pedro, em Salvador (BA) para perseguir pessoas que eram a favor da independência. Uma menina de dez anos testemunhou tudo. Urânia Vanério,

filha de pais portugueses, observou de sua janela a morte da freira idosa e escreveu um poema chamado “Lamentos de uma Baiana...” (1822), que denunciava a brutalidade ao matarem Joana Angélica. Durante a reportagem, identificou-se similaridades das duas personagens esquecidas por dois séculos. Joana é representada por uma pintura de seu rosto com características de uma mulher branca que nos remetem a Monalisa (1797), de Leonardo Da Vinci. Já a menina Urânia, não existem imagens que demonstrem como seu rosto era na época.

Então, a reportagem reconstrói o acontecimento histórico por meio da figuração, atendendo aos critérios de significação, referindo-se a importância da informação e do sistema cultural, e de composição para atender à linguagem do meio (Alsina, 2009). O discurso telejornalístico é composto pela figurante, uma menina com vestido branco, cabelos pretos e longos, andando com os pés descalços para representar a infante Urânia Vanério. A descoberta dos atos de resistência de Urânia se deve a historiadora Patrícia Valim, uma das fontes entrevistadas no episódio. Urânia se tornou, posteriormente, professora, escritora e tradutora, e morreu em 1849, com 37 anos.

Além disso, a composição da matéria retrata os panfletos com o poema da menina montados e colados nas paredes das casas por meio de tecnologia computadorizada, rememorando os atos sediciosos que já tinham ocorrido na confederação baiana. Existem também outros aspectos que nos fazem sentir imersos no discurso telejornalístico, que se referem aos efeitos sonoros de suspense e ao drama.

No terceiro episódio, o especial apresenta mais personagens femininas que foram apagadas da memória oficial como Maria Felipa e Maria Quitéria. Os aspectos sonoros das ondas do mar acompanhados de toques sutis que se transformam em épicos, iniciam a reportagem para falar da importância das marisqueiras da Ilha de Itaparica (BA) no combate ao império português. A representação de Maria Felipa, símbolo desse grupo de mulheres combatentes, também encontra um questionamento em relação a sua existência, já que é muito raro ela ser encontrada em livros sobre a história do Brasil.

No entanto, uma das fontes entrevistadas, a professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Wlamyra Albuquerque, afirma categoricamente: Maria Felipa é uma “personagem possível, é uma personagem factível, por que as mulheres lutaram no processo de independência”. Maria Felipa, diferente de Maria Quitéria que foi

condecorada por Dom Pedro I, tem sido, atualmente, reivindicada pelos historiadores e movimentos sociais como símbolo da resistência feminina.

A construção do discurso telejornalístico mostra a importância das fontes históricas para criar novos significados a respeito dos fatos históricos. A série desconstrói uma noção antes legitimada pelo discurso oficial – escolas, mídias, Estado – que não valoriza os personagens afro-brasileiros. Além disso, o discurso telejornalístico a respeito da existência de Urânia Vanério, Maria Felipa e as fontes especializadas possibilitam construir uma interação reflexiva (ALSINA, 2009), a fim de legitimar o jornalismo na construção sociocultural da realidade sobre a história do Brasil.

O terceiro episódio explora, ainda, a participação dos povos originários no processo de independência e a Batalha de Jenipapo, em Campo Maior, Piauí, na qual pessoas morreram sem receberem nenhum reconhecimento e foram enterradas sem identificação. Nesse momento, a presença da resistência dos sertanejos é valorizada. Na Batalha de Jenipapo, no Piauí, houve baixa das tropas e moral portuguesa, já que os combatentes entraram no acampamento português e saquearam mantimentos e armas, impedindo o avanço do exército nos territórios brasileiros.

Ainda nesse episódio, a matéria expõe falas de indígenas criticando a forma da participação e do reconhecimento dos povos originários, que lutaram dos dois lados forçadamente. Raimunda Maria da Silva, indígena e agricultora, com tinta vermelha no rosto e semblante lúcido, fala em um tom forte que “os que vieram (indígenas) morreram e foram enganados, e agora eles (pessoas não indígenas) vieram para tomar dos índios”.

Ao apresentar novas perspectivas da história da independência brasileira, a série confronta a memória oficial e as elites simbólicas do Brasil. A relação fala e texto, como também imagens, sob controle de um grupo dominante, forma uma identidade nacional com uma dimensão social e cognitiva que coordena as ações e consequentemente as ideologias da população (COUTO; CARRIERI, 2018 apud VAN DIJK, 2015), na qual satisfaz o discurso do Estado.

A série “1822 - Uma Conquista dos Brasileiros”, porém, ultrapassa um pouco essa barreira. As reportagens especiais trazem questionamentos sobre a crença a

respeito da cordial história da liberdade brasileira e a reprodução de desigualdades (COUTO; CARRIERI, 2018 apud VAN DIJK, 1999; 2006).

No entanto, apesar da importância das fontes especializadas, das 14 pessoas entrevistadas para a série, 9 são homens e 5 mulheres. Em relação às instituições, seis são do Nordeste, Sudeste (3) e Sul (1). A maior parte das fontes é branca (sete), negras (três) e indígenas (3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do embate entre a memória coletiva e memórias subterrâneas, a série “1822 - Uma Conquista dos Brasileiros” ainda apresenta um discurso de pacificação nos finais dos episódios. A abordagem utilizada para mostrar as falas das comunidades locais, nas quais aconteciam festejos quase sempre viam em tons de descontração, não explorando quase nada da narrativa reflexiva imposta a todo momento nas reportagens.

É coerente, porém, dizer que a reportagem especial traz aspectos e narrativas que procuram modificar a lembrança histórica brasileira e mostrar que existem personagens, principalmente nordestinos, negros e indígenas, que participaram de processos de Independência, apresentando dinâmicas que foram sistematicamente apagadas, mas não totalmente esquecidas.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. São Paulo: Vozes, 2009.

COUTO, F. F.; CARRIERI, A. P. **Análise crítica do discurso: a teoria a partir de Teun A. van Dijk**. In: XXI SEMEAD Seminários em Administração, 2018.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. 1.ed. Rio de Janeiro: Maud X, 2020.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2017.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **“Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 425-438, 2002.

SOUZA, Jessé. **A Tolice da Inteligência Brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos na análise crítica do discurso**. 1º Edição. Portugal, Famacão: Editora Campo das Letras, 2005.